

AS PARCIALIDADES COLETIVAS NA PECULIARIDADE DO INDIVÍDUO

Rene Schleiniger dos Santos

Palavras-chave: Demandas, Convívio, Sujeito

O norteamento epistêmico e comportamental do meu pretenso esforço filosófico junto dos estudantes médios, se volta para que eles não concluam uma ou outra coisa extremada: nem a total submissão aos apelos e exigências sociais e culturais, nem o total desrespeito e libertação – sempre ilusória – destas forças coletivas, esforço, portanto, no sentido de que eles possam antever o quão imprescindível é pautarem seus atos com vistas a esta dualidade que sustenta a transformação do mundo. Acredito que um tal discernimento só se consegue sob o sentido que o sentimento espontâneo de cada qual – a sua luz – o convida a viver e a fazer viver aqui, neste mundo de todos nós: não se trata exatamente, portanto, de ditar regras de conduta àqueles que estão como estudantes, nem mesmo ensinar-lhes, prioritariamente, as regras de conduta do mundo dos adultos, trata-se de fazê-los ver que, diante destas demandas coletivas – sociais e culturais – cada um pode sim, estipular suas próprias regras de conduta de modo a não tornar-se totalmente subserviente, nem totalmente avesso a tais demandas que, à rigor, tornam-se tanto mais numerosas na medida do crescimento etário de qualquer ser humano. Acerca da existência deste dito sentimento espontâneo, peculiar a cada humano vivente, me ocorre, agora, a compreensão existencial de Sartre, de que o universal é vivido pelo singular, ou seja, ainda que possamos estabelecer muitos parâmetros a nos definirem e a nos descreverem humanos, como por exemplo: que a todos nós compete um corpo físico; que somos todos capazes de razão; que também somos seres emotivos; que somos atravessados por herança biológica; que somos atravessados por cargas históricas e culturais; que aqueles que nascendo no seio coletivo humano, seguem sendo recebidos pelos humanos já viventes, e introduzidos, por estes, nos modos ditos normais – aceitos – não só de se portar frente aos demais humanos, mas de pensar sua convivência para com estes demais humanos e de pensar este lugar onde todos vivem; todos estes parâmetros descritivos, no entanto, ruiam inexoravelmente, nas suas respectivas contundências, não houvesse a subjetividade que é cada ser humano: este ente que reúne a, digamos, diversidade experimental da vida humana no que ele é. Nesta medida, o dito sentimento espontâneo condiz com um discernimento tal por parte de cada um, em que o sujeito se faça autônomo, e não heterônomo, nas suas ações e reações humanas, frente às várias demandas oriundas deste convívio humano.

Referências:

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro – Sartre e a Psicologia Clínica – Ed. UFSC – 2011

BERTI, Enrico – As Razões de Aristóteles – Ed. Loyola – Tradução: Dion Davi Macedo – 1998.

HAMLIN, David Walter – Uma história da Filosofia – Ed. Jorge Zahar – Tradução: Ruy Jungmann – 1990.

PIAGET, Jean – O Estruturalismo – Ed. Difel – Tradução: Moacir Renato de Amorim, 3ª edição – 1979.

II Simpósio Formação de Professores e Práticas Pedagógicas
28 e 29 de Novembro de 2013

OLIVEIRA, Marta Kohl de – Vigotsky - Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico – Editora Scipione – São Paulo, 1997.

Texto de Sigmund Freud, “O mal-estar na civilização”, encontrável na série “Os pensadores” concernente a este mesmo autor.

DESCARTES, René – Meditações Metafísicas – Ed. Martins Fontes – Tradução: Maria Ermantina Galvão.